

# Ciclo mundial de baixa acaba e fazendas mudam

Pesquisadores reunidos na Alemanha avaliam custos do setor, fazem comparações e mostram tendências como a crescente produção de energia e o uso do smartphone nas propriedades

LUIZ H. PITOMBO

**C**alcula-se que em 2016 existiam perto de 120 milhões de propriedades leiteiras ao redor do mundo, das quais 73 milhões somente na China. Esse número já foi maior mas, após uma fase de aumentos constantes, passou a declinar a partir de 2014, perto de 1,5% ao ano. No entanto, a produção não se reduziu, em função da maior escala e profissionalização de parte das fazendas. No ano passado, porém, em consequência do recente ciclo de baixa remuneração ao produtor e dos preços internacionais registrou-se o menor crescimento da produção mundial de leite, desde 1998. Na última década, a média era de 2,3% ao ano, enquanto

em 2016 foi de 1,1%, totalizando 847 milhões de toneladas.

Esses e outros dados foram apresentados na conferência anual da Rede Internacional de Comparação de Fazendas (IFCN, na sigla em inglês), entidade de estudo e pesquisas com sede em Kiel, ao norte da Alemanha, que é custeada por empresas e organismos do setor leiteiro. Esta 18ª reunião, que aconteceu entre os dias 10 e 14 de junho, trouxe 98 participantes de 43 países, que a partir de metodologias pa-



Stock: preços do leite em alta e de concentrados em baixa

Marcos La Felle

propriedades na faixa de 10 a 100 cabeças e as acima de 1.000 vacas, enquanto na América Latina o aumento vem daquelas na faixa entre 30 e 300 vacas. Já em outro grupo de regiões, como o da Europa Ocidental, o maior incremento de participação é de fazendas com 100 a 1.000 vacas; nos Estados Unidos, das acima de 1.000 cabeças e na Oceania o maior aumento tem sido naquelas

com 300 a 1.000 vacas.

O engenheiro agrônomo Lorildo Stock, da Embrapa Gado de Leite, que esteve presente em quase todos os encontros do IFCN, levou em 2017 como representativas da produção nacional quatro tipos diferentes de fazendas escolhidas a dedo nas duas principais regiões produtoras, a Sul e Sudeste. Neste ano, conta que introduziu uma nova do Paraná, da região de Castro, que considera um bom modelo do que poderá se tornar uma eficiente propriedade nacional e onde obteve um perfil com excelente qualidade de dados.

Ele conta que cooperativas do Sul do País têm demonstrado interesse por este trabalho de acompanhamento e comparação de fazendas ao redor do mundo e que devem passar a contribuir com suporte financeiro à Embrapa para isso. "A Castrolanda é uma delas, visando obter informações que ajudarão a montar sua política de atuação e acertar rumos futuros", justifica.

**FIM DE CICLO E PERSPECTIVAS** - Um dos aspectos importantes tratados no evento se refere à fase difícil de preços por que passava o setor desde 2015.



Arquivo BB

Antes e depois do fim das cotas, a pecuária de leite da Europa se mantém em situação difícil



Stock explica que essas oscilações de preços são cíclicas, repetindo-se a cada dois ou três anos, e que tem nos volumes ofertados um componente fundamental.

Segundo informa, a maioria dos participantes da reunião concordou que chegou ao fim o atual ciclo internacional de baixa, que classificou como mais profundo e prolongado do que os anteriores. Os indicativos que mostram a alteração do rumo, como aponta, é de que os preços estão reagindo desde o início de 2017 e o dos concentrados estão se reduzindo. “Em dólar, neste primeiro semestre os custos do leite no mercado internacional chegaram à sua média histórica equilibrando as margens”, diz.

As perspectivas que se apresentam, como informa, é de que os valores ao produtor se mantenham na média histórica dos últimos 10 anos, entre US\$ 0,30 e US\$ 0,40/kg, como já se registrou no início deste ano, e que assim se mantenham em 2018. “Vejo como um momento de calma, quando as coisas não estão boas nem ruins, sem expectativas de preços muito elevados nem tão baixos, mas na média”, pondera.

Stock conta que levou ao plenário final do encontro sua percepção de que os próximos ciclos internacionais de preços devem apresentar oscilações menores que antes, considerando que o horizonte não traz elementos que possam motivar grandes variações na oferta, na demanda ou nos insumos.

“No lado na demanda, nenhum país cresceu 20% ao ano como chegou a acontecer com a China. Está tudo mundo meio para baixo e tem ainda o chamado efeito Trump. Já no lado da oferta, não há como se ter grandes produções. A Europa já viu que com cotas ou sem cotas de produção os problemas continuam e a situação deles não é fácil”, afirma. O pesquisador conta que suas ponderações não foram questionadas.

Sobre a situação do Brasil, embora avalie que o País normalmente se mostre “descolado” do mercado internacional, também acredita que deva ocorrer esta tendência de oscilações menores de preços. Stock ressalta que as propriedades brasileiras passam por uma mudança estrutural bastante significativa, crescendo em tamanho e produção, tal qual em outras regiões do Globo.

Também salienta que estão se profissionalizando e que mesmo aquele produtor que possui 10 vacas compra uma ordenhadeira, faz curso de inseminação, se organiza e igualmente está preocupado com as contagens de

células somáticas e bacteriana, já que esses indicadores definirão sua sobrevivência. “Em 2016 estávamos no meio do caminho. Agora as fazendas estão ganhando corpo, quem fica, quem sai, não tem mais meio termo”, diz ele, reconhecendo que tais mudanças não são nada fáceis.

**COMPARAÇÃO DE CUSTOS** - Os trabalhos e dados discutidos no encontro de Kiel vão ser divulgados em sua versão definitiva em outubro, quando estará reservada na publicação uma página para cada país com a apresentação dos dados das fazendas e outros queaju-

Stock, estão Ucrânia, Camarões e Uganda. Já na faixa dos US\$ 0,20 a US\$ 0,30/kg de leite se encontram países como Nova Zelândia, México, Chile, Peru, África do Sul, Egito, Turquia e Bielorrússia. Na mesma faixa do Brasil, que fica entre US\$ 0,30 e US\$ 0,40/kg de leite, também estão Argentina, Uruguai, Colômbia, Espanha, Inglaterra, Rússia, Austrália, Indonésia, Singapura, e outros.

O pesquisador da Embrapa comenta que no contexto geral o Brasil se encontra numa faixa intermediária de custos e que embora o País esteja no mesmo grupo que outros da América



Automação tem se expandido nas fazendas, da ordenha robotizada aos cochos das vacas

dem a caracterizar aquela nação como a produção total de leite e a evolução do rebanho. Devem ser considerados neste ano 157 sistemas de produção de 52 países e 62 regiões.

Em relação à comparação dos custos de produção, Stock adianta alguns dados preliminares referentes ao ano de 2016, sujeitos ainda à revisão antes de sua publicação, mas que já trazem bons indicativos. Eles foram calculados em grandes regiões e países que participam da Rede e que foram agrupados em uma das seis faixas de custo de produção previamente estabelecidas. Estas vão desde os valores mais elevados iguais ou superiores a US\$ 0,60/kg de leite (sempre corrigido, tendo 4% de gordura e 3,3% de proteína, como referência) até os mais baixos com números iguais ou inferiores a US\$ 0,20/kg de leite.

Nesta última condição, segundo

do Sul, seus valores são normalmente os maiores da região. Sobre o que traz esta situação, diz que argentinos, uruguaios e chilenos são mais preocupados com a sanidade dos animais, com uma boa silagem, genética, assistência técnica, e não com detalhes por vezes supérfluos das instalações. “Só agora é que se começa a pensar mesmo em competitividade no Brasil”, diz.

A quarta faixa de custos de produção é a em que se encontra os Estados Unidos, situada entre US\$ 0,40 e US\$ 0,50/kg de leite. Ao seu lado estão igualmente França, Itália, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Polônia, Índia, Paquistão, Iraque, e outros. Num patamar acima, localizado entre US\$ 0,50 e US\$ 0,60/kg de leite, estão a China, Algéria e Zâmbia. Na faixa dos custos mais elevados dentre os países participantes da Rede, que ficam entre US\$ 0,60/kg de leite ou mais, estão





Divulgação

**Para projetar tendências para o leite, a IFCN reuniu 98 membros, de 43 países**

Canadá, Noruega, Finlândia, Suíça, Áustria e Hungria.

**MUDANÇAS NAS PROPRIEDADES** - Stock conta que uma das discussões frequentes do encontro envolveu o meio ambiente, lençol freático e limites de crescimento da produção. “A Holanda, por exemplo, está num nível crítico, importa comida e exporta esterco seco dos animais em contêineres, não sabe mais o que fazer”, salienta. Além da questão do dejetos, aponta limitações referentes à terra disponível, colocando também nesta lista países como Irlanda, Nova Zelândia e Austrália.

Mas diz que não há consenso, pois uns acham que podem crescer e outros que não. É patente, como informa o pesquisador, que a estrutura das

fazendas leiteiras ao redor do mundo passa por mudanças estruturais, como no Brasil e Oceania. No entanto, faz a ressalva de que em certas regiões o fenômeno é maior e em outras, menor.

Na Índia, Bangladesh e Paquistão, este último com 7 milhões de propriedades que produzem leite, diz que não se espera grandes mudanças, pois predomina uma atividade que classifica de artesanal e onde existe um mercado estruturado difícil de mudar: são uma ou duas vacas ordenhadas por produtor, com a coleta feita por intermediário em motocicleta, que mistura o produto cru de várias fazendas, embala em garrafinhas pet e sai entregando para sua clientela.

Por outro lado, conta que existem regiões e países em que as fazendas

estão crescendo em tamanho e se concentrando, com profissionalização, aumento da eficiência dos animais, melhor nutrição das vacas, maior nível de informação e informatização. “O celular e seus aplicativos viraram um equipamento absolutamente necessário nas fazendas, até mais que o computador em si”, diz. Se existe algum problema já se entra em contato com o veterinário, também se busca informações de interesse e se utiliza para outras funções. Indicadores de qualidade já estão por todo o lugar e tirando maus produtores do mercado, segundo informa.

Nos debates também surgiram temas relacionados à produção orgânica do leite e ao bem-estar animal. Stock avalia que embora exista um lado “poético” nesta área de pessoas que vivem na cidade, há um lado real, pois diz que ao se olhar na cara de um animal é possível se ver que está mal tratado e demonstrando tristeza. “Isso ocorre em todos os lugares. Certa vez vi uma fazenda na Turquia com vacas doentes e sérios problemas de apurmos, e não gostaria mesmo de ser um animal por lá”, diz.

A questão da sucessão da atividade é também motivo recorrente de preocupação e discussão ao redor do mundo, com a situação típica de os filhos irem estudar fora e depois não desejarem retornar à propriedade. Finalmente, Lorildo Stock diz que percebeu que o uso de tecnologias de precisão envolvendo a atividade está ocorrendo cada vez mais, assim como estão surgindo os sistemas de ordenha robotizada. Também conta que é crescente o fato de propriedades leiteiras estarem envolvidas na obtenção e comercialização de energia solar. ■

**SANTACRUZ**  
AGROPECUÁRIA

Alimento de Qualidade para o seu Rebanho

**PRÉ-SECADO DE AZEVÉM**

**SILAGEM DE CEVADA**

**SILAGEM DE MILHO**

**SILAGEM DE TRIGO**

**SIL. DE GRÃO ÚMIDO DE MILHO**

Fazenda Santa Cruz, Castro - PR  
Fazenda Rio Taquari, Coronel Macedo - SP

Fone: (42) **99127 8138**  
vendas@agropecuariasantacruz.com.br  
[www.agropecuariasantacruz.com.br](http://www.agropecuariasantacruz.com.br)